



Túnel do Tempo

Ex-guardinhas relatam suas experiências

Edson Rocha

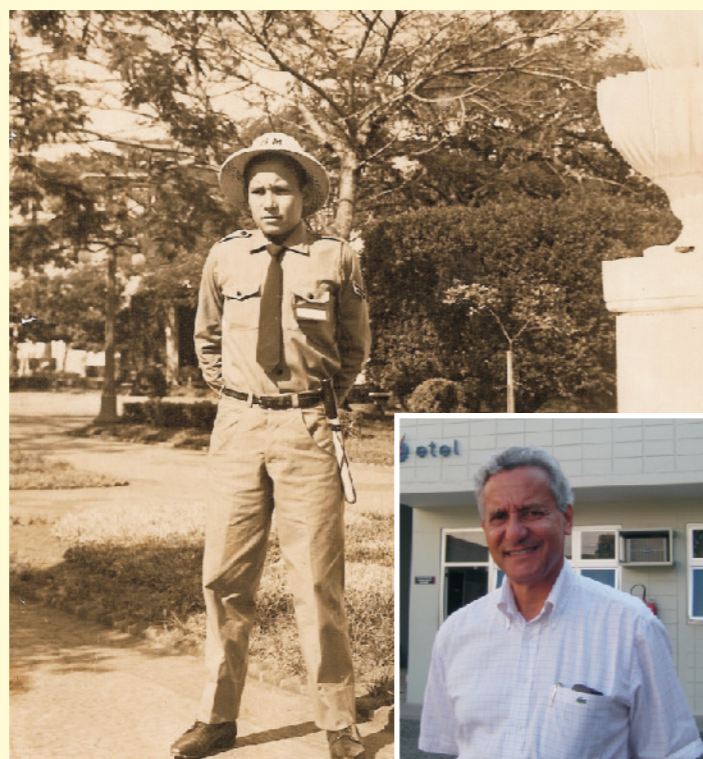
Sócio-fundador e diretor da Etel Engenharia, empresa há 30 anos no mercado, que emprega hoje 160 funcionários. É também diretor da Escola de Equoterapia instalada na entrada da Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade.

“Tenho a alegria e a satisfação de dizer que participei da primeira turma da Guarda Mirim de Rio Claro. Fui admitido aos 13 anos e me recorde de usar uma farda azul, muito bonita. As instruções eram realizadas na Praça da Liberdade, em frente à antiga cadeia pública, no espaço que hoje é ocupado pelo prédio do fórum.

Meu primeiro dia de trabalho, após passar pelos treinamentos, foi na inauguração do Clube de Campo de Rio Claro. Aliás, uma feliz coincidência, que nos ajuda a recordar daquela época. Mas, o trabalho que mais me marcou, com certeza, foi orientar o trânsito na Avenida 2 com a Rua 3, próximo de onde encontra-se instalada atualmente a agência da Nossa Caixa. Eu permanecia ali, sobre o bueiro, abrindo e fechando o trânsito, pois na época não havia semáforo. Nem sei quanto tempo eu realizei essa função naquele mesmo local.

Posso dizer que a Guarda Mirim contribuiu bastante em relação à disciplina, ao respeito à hierarquia e ao asseio pessoal. Passávamos por revista e tudo era observado. Tudo precisava estar impecável, corte de cabelo, sapato engraxado, roupa engomada (pala e colarinho) e o cacetete de madeira pintado de branco.

Ser um guarda mirim era motivo de muito orgulho para seus integrantes. Nossa farda era impecável e, para alguns de nós, essa era a melhor roupa



Edson Rocha, diretor da Etel, hoje e quando integrava a 1ª turma da GM

que tínhamos. Enquanto estávamos de uniforme, estávamos bem vestidos e bem apresentados. Isso ajudava muito na nossa auto-estima.

A virtude ao trabalho, com seriedade e responsabilidade deve ser incentivada logo cedo. Temos sempre 2 ou 3 menores aprendizes que estudam no Senai e cumprem estágio na empresa. Esta é uma experiência de muito sucesso, pois a maioria tem se tornado ótimos profissionais e alguns permanecem trabalhando conosco.

A atuação da Guarda Mirim continua exemplar, pois acho que hoje, mais do que nunca, é necessário despertar nos jovens essa vontade para o trabalho.”

Djair Claudio Francisco

Advogado e diretor administrativo da Câmara Municipal de Rio Claro. Por dois anos exerceu cumulativamente as funções de consultor Jurídico da Diretoria do Programa de Assistência e Ressocialização Carcerária da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo. Por 11 anos foi regente do Coral da Igreja do Nazareno. É membro do Conselho de Avaliação de Projetos Culturais do município de Rio Claro e ministra cursos de Assessoria Parlamentar na Câmara Municipal de Rio Claro.

“Frequentei a Guarda Mirim no período de janeiro de 1977 a setembro de 1980, entre a idade de 12 aos 15 anos.

A GM foi determinante para o vislumbre e conhecimento da carreira jurídica, que acabei por sonhar naquela época e finalmente escolher. Os anos em que trabalhei como Guarda Mirim, no fórum, fizeram nascer em mim o gosto pela advocacia. Os ensinamentos, a disciplina, o civismo, as boas maneiras, o controle escolar foram fatores que me influenciaram profundamente, a ponto de até hoje, mesmo com 43 anos, nutrir alguns comportamentos que foram introduzidos e valorizados naquela época.

Em outubro de 1980 ingressei na Fepasa, nela permanecendo até 1986, quando descobri que as funções que exercia na empresa, de natureza operacional, não eram compatíveis com os sonhos nascidos na GM. Naquele lugar, de ruidosa atividade, de primitiva rede de reparações de vagões, de rotina sem perspectiva e com muitos homens frustrados profissionalmente, não poderia encontrar força para alçar os vãos de melhor futuro.



Djair Francisco, advogado e diretor administrativo da Câmara Municipal

Antes, em 1984, depois de um sucedido curso colegial ingressei no curso de Direito da Universidade Metodista de Piracicaba. Lá, desde o ingresso, vivi momentos de profundas dificuldades, principalmente pela falta de dinheiro. Minha mãe, empregada doméstica, atravessava a cidade a pé para trabalhar. Meu pai, ferroviário sem grandes qualificações e nenhum sonho, contava ao final do dia, com tristeza e olhar impotente, histórias das explorações a que era submetido todos os dias na empresa. Nenhum deles podia me amparar financeiramente num curso superior, que, a propósito, de uma parentela numerosa de primos e

irmãos, eu era o único que insistia em priorizar os estudos. Com efeito, o salário que me era pago na ferrovia quase todo ficava com meus pais.

Ademais, além da sequeidão financeira, faltava também apoio moral, já que meus pais, por terem sido criados sem oportunidades não davam aos estudos a importância devida. E neste sentido, minha "ousadia" e perseverança eram incompreendidas.

Levei 11 anos para concluir um curso de quatro, isto porque, embora conseguisse com muito esforço juntar dinheiro para as matrículas semestrais, para as mensalidades nada sobrava, o que me levava a interromper o curso a cada semestre cursado. Interrompido, serviam os próximos 1 ou 2 anos para pagar o débito parcelado das mensalidades atrasadas, que era transformado pela tesouraria da faculdade em valores menores e a perder de vista. Depois de pagos, voltava à universidade e com orgulho fazia a matrícula no semestre seguinte.

Foi assim que, em 1995, coleei grau como bacharel em Ciências Jurídicas pela Universidade Metodista de Piracicaba. Em março de 1996 fui aprovado no exame de ordem e, pela graça de Deus, em dezembro do mesmo ano fui bem sucedido no ingresso na Câmara Municipal de Rio Claro, onde exerço as funções de diretor administrativo. Sou advogado, com um bem instalado escritório próprio no centro da cidade e curso pós-graduação lato sensu, em nível de mestrado em Direito Público.

Frise-se, ajudo meus pais em tudo que precisam e deles cuido com muito amor.

A entrevista completa estará disponibilizada no site da Guarda Mirim (www.guardamirimrioclaro.com.br)

Fique por dentro!

Apesar de desconhecida por algumas empresas, cresce cada dia mais o número de estabelecimentos que já contratam adolescentes por meio da Lei do Menor Aprendiz - 10.097.

Mesmo com características de um trabalhador comum, o adolescente contratado por meio dessa Lei ganha atenção diferenciada, principalmente no que diz respeito à sua formação profissional. Por isso, é importante ter consciência de que o adolescente não é um trabalhador qualquer, assim como os outros funcionários da empresa. O trabalho é o seu meio de aprendizagem. Ao contratar, a empresa garantirá aos aprendizes a oportunidade de aprender uma profissão e de colocá-la em prática.

Além de cumprir com a cota obrigatória estipulada por lei, tanto o adolescente quanto a empresa são beneficiados, já que a última pode estar investindo nos seus futuros profissionais, atuando como uma empresa socialmente responsável e ainda contribuindo com a renda familiar do adolescente.

Por que contratar o aprendiz?

- Possibilidade de dar uma oportunidade ao adolescente e inseri-lo no mercado de trabalho.
- Diminuição do FGTS de 8,5% para 2,5% (exceto para contribuintes pelo simples, em que a redução é de 8,0% para 2,0%).
- Possibilidade de efetivação do adolescente após completar 16 anos, já que o mesmo conhecerá bem o funcionamento da empresa e as atividades a serem executadas.
- Possibilidade de formular um Programa de Aprendizagem junto a ONGs (organizações não governamentais) que atendam às necessidades da empresa. Jovens treinados e motivados. Atende a cota obrigatória de aprendizes estipulada pela Lei 10.097. Apesar de não serem obrigadas, as micro e pequenas empresas também podem contratar aprendizes. Caso a cota mínima de aprendizes não seja preenchida, a empresa fica sujeita à multa. Possibilidade de colocar a contratação no balanço social da empresa.

Fonte: www.conexaoaprendiz.org.br

